

ATENÇÃO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM FRENTE À VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Carla Maria Queiroz de Sá¹; Emily Ingrid Sousa de Lima¹; Francisca Misselângela Costa Ramos¹; Francisco Ednan Braga da Silva¹; Rosimeire Silva Oliveira¹; Camila de Araújo Carrilho²

¹Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Católica de Quixadá;
E-mail: carlaq.cq@gmail.com

²Enfermeira. Docente do curso de Enfermagem do Centro Universitário Católica de Quixadá;
E-mail: carrilhocamila@hotmail.com

RESUMO

O abuso sexual é considerado a mais danosa forma de violência contra crianças e adolescentes, podendo gerar consequências inimagináveis. Uma vez que a equipe de enfermagem se encontra em maior número nas unidades de saúde, normalmente estes têm o primeiro contato com as vítimas de tal agressão, sendo necessário que estejam preparados para diagnosticar reconhecer e lidar com casos desse tipo. Este estudo tem como objetivo refletir acerca da importância da equipe de enfermagem frente a casos de violência sexual na infância e adolescência, enfatizando o seu papel como cuidador, educador e protetor, tanto da família quanto da vítima. Para elaboração deste estudo, foram realizadas uma pesquisa bibliográfica e uma coleta de dados, a última ocorreu em dois momentos distintos, mas complementares, sendo efetuada uma oficina com onze profissionais da equipe de saúde de uma maternidade do Sertão Central. Foi percebido, ao longo da oficina, que todos os profissionais possuem um bom embasamento teórico-prático, sendo capazes de reconhecer os diversos casos de violência sexual, porém, fatores como número inadequado de profissionais por setor, tornam difícil o reconhecimento e o cuidado de tais casos. Notamos ainda que a equipe de enfermagem possui uma grande dificuldade em delimitar seu papel em casos deste tipo, restringindo-se a cuidados físicos, quando necessários, e à realização de notificações.

Palavras-chave: Violência infantil. Assistência de Enfermagem. Maus-tratos de Menores. Defesa da Criança e do Adolescente.

INTRODUÇÃO

O abuso é qualquer ato de natureza ou conotação sexual em que adultos submetem menores de idade a situações de estimulação ou satisfação sexual, imposto pela força física, pela ameaça ou pela sedução. O agressor costuma ser um membro da família ou conhecido (BRASIL, 2014). Portanto, o abuso se caracteriza por diversas práticas, como, manipulação da genitália, pornografia, estupro, incesto, exibicionismo, assédio e prostituição (SILVA, et al., 2011).

Segundo Aded et al. (2006, apud Cogo, 2011) o abuso sexual é uma das formas mais danosas de violência, no entanto, pouco se avançou no sentido de prevenir e amenizar suas consequências. Diferenças culturais, legais e de procedimentos dos profissionais envolvidos talvez expliquem a dificuldade em se estabelecer políticas públicas de prevenção e enfrentamento do problema no mundo inteiro.

Sabe-se que a equipe de enfermagem se encontra em maior número no âmbito hospitalar e permanecem por maiores períodos próximos aos pacientes e seus familiares, por este motivo,

tais profissionais possuem maiores chances de identificar casos de abuso sexual (CUNHA et al., 2005).

Assim, o presente estudo surgiu do interesse e da necessidade de se questionar sobre o papel do enfermeiro diante de casos de violência sexual contra crianças e adolescentes e a sua importância na abordagem, proteção e assistência às vítimas e seus familiares, além da notificação de casos e suspeitas.

Percebemos a importância do profissional de enfermagem no diagnóstico e tratamento de casos de abuso sexual infanto-juvenil, tendo estes que estejam bem treinados para perceber quaisquer sinais dados pela vítima, sabendo agir adequadamente diante de cada caso.

Este estudo tem como objetivo refletir acerca da importância da equipe de enfermagem frente a casos de violência sexual na infância e adolescência, enfatizando o seu papel como cuidador, educador e protetor.

METODOLOGIA

O estudo é de natureza qualitativa, sua finalidade é básica e os objetivos gerais são o exploratório e o descritivo. Houve inicialmente a realização de uma pesquisa bibliográfica, além de uma coleta de dados junto a uma maternidade do Sertão Central.

Participaram da pesquisa onze profissionais da instituição de saúde.

Para a realização do referencial teórico optou-se pela análise de artigos, livros e legislações, tais artigos foram pesquisados nas bases de dados LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), MEDLINE (Medical Literature Analysis and Retrieval System Online) e na biblioteca virtual Scielo (Scientific Electronic Library online).

Na pesquisa de campo, a coleta de dados ocorreu em dois encontros:

O primeiro encontro ocorreu no dia 11 de outubro de 2016, o qual teve como objetivo conhecer a rotina de trabalho da instituição e buscar interagir com a equipe de enfermagem. Ao final buscamos os profissionais responsáveis pelo setor pediátrico para coletar informações sobre a quantidade de abusos notificados pela instituição, além de promover um debate sobre o tema com os mesmos.

Durante o segundo encontro houve a realização de uma oficina, que ocorreu no dia 8 de novembro de 2016, com duração média de duas horas. Devido a incompatibilidades de horário, o instrumento proposto foi apresentado em dois momentos distintos, primeiramente para três técnicas de enfermagem e uma técnica de segurança do trabalho e em um segundo momento para uma médica pediatra, uma fisioterapeuta, duas enfermeiras e duas técnicas de enfermagem.

Para realização da oficina foram analisados casos retirados do livro “Cuidar sem violência, todo mundo pode!”, idealizados pelo Instituto PROMUNDO e pelo Centro Internacional de Estudos e Pesquisas (CIESPI) do ano de 2013. Cada caso foi lido e comentado com auxílio dos participantes, que ainda expuseram exemplos vividos em sua profissão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O tema “Abuso sexual na infância e adolescência”, desde sua proposição, foi bem recebido pelas profissionais da instituição, que reconheceram a importância e a necessidade de debater sobre o assunto.

Em um momento prévio à realização da oficina, foram analisadas notificações de violência sexual feitas na instituição nos últimos dois anos, chamando atenção o fato de que eram quase inexistentes. Logo questionamos as profissionais o motivo de tal acontecimento, os mesmos relataram que isto poderia ocorrer pela soma de alguns fatores.

As profissionais citaram dentre as principais causas, a falta de comunicação entre as demais redes de saúde, que não encaminham tais casos à instituição, o que deveria ocorrer, pois

a mesma é referência no atendimento de crianças e adolescentes vítimas de quaisquer morbidades. Sem o devido encaminhamento esses pacientes são tratados apenas fisicamente e voltam ao âmbito de abuso e repressão.

Outro fator considerado como obstáculo para notificação dos casos de abuso foi o número inadequado de profissionais trabalhando por setor, o que gera um acúmulo de tarefas e desgaste dos mesmos. Essa rotina acaba ocasionando menor eficácia na detecção das vítimas, já que há necessidade de um olhar clínico, uma vez que os familiares/responsáveis não chegam à instituição relatando o abuso na maioria dos casos.

Por essa instituição ser em uma cidade pequena, as profissionais argumentaram que por haver a necessidade de assinar e carimbar as notificações, a equipe de enfermagem sentia certo receio ao cumprir esse papel, algumas afirmaram ter sofrido ameaças por parte dos responsáveis pelo abuso.

Assim, durante a reunião, a médica esclareceu que não seria necessário assinar notificações, sendo preciso apenas entrar em contato com o Conselho Tutelar quando houvesse suspeitas.

Dessa forma, o primeiro encontro já se configurou em um momento bastante rico promovendo uma abertura com os profissionais e permitiu conhecer a realidade da unidade. Na segunda visita, desenvolvemos a oficina junto aos profissionais, a intitulando de: “Abuso Sexual na Infância e Adolescência”.

Após cada um se apresentar dizendo nome e ocupação, iniciamos com o seguinte questionamento: “Pra vocês, o que seria abuso sexual?”. Todas concordaram que o abuso existe em várias faces, não ocorrendo somente quando há penetração.

Em suas falas, as participantes consideraram o abuso sexual como o mais severo dos maus tratos, pois este é intencional, direto e não se pode voltar atrás. Foi salientado ainda que as consequências mais devastadoras para as vítimas vão além do trauma físico, marcando o psicológico, algo que vai perdurar por toda sua vida e, dependendo do modo como é enfrentado, influenciar em suas escolhas e caminhos seguidos posteriormente.

A equipe ressaltou ainda a possibilidade da criança, vítima de violência sexual, ao tornar-se adulta repetir os atos de abuso, não mais enquanto vítima, mas podendo tornar-se abusador.

Lançamos, depois, um segundo questionamento: “Quem sofre mais com a violência sexual, meninas ou meninos?”. As participantes relataram ter conhecimento de um maior número de casos envolvendo meninas como vítimas, porém não descartaram a possibilidade de haver uma grande quantidade de casos envolvendo meninos, uma vez que os mesmos têm maior receio de falar sobre o assunto, seja por medo ou vergonha.

Após esse momento inicial, fizemos o uso da tecnologia escolhida para a realização da oficina. Trata-se de cartolinas dispostas de modo a despertar o interesse das profissionais, em cada cartolina descrevemos um caso para que estes fossem comentados pelos profissionais. Esperávamos, assim, a colaboração de todas, evitando que a metodologia se transformasse em uma mera transmissão de conhecimento, tratando os participantes como ouvintes, uma vez que o objetivo deste estudo foi repensar o papel da equipe de enfermagem em casos de violência sexual em sua prática clínica.

Ao debaterem sobre os casos apresentados na oficina, as profissionais se mostraram capazes de identificar e refletir acerca das consequências de cada um.

Durante a oficina foi percebido que todos os envolvidos acreditam que a equipe de enfermagem é essencial para que haja uma notificação correta dos casos de violência sexual contra crianças e adolescentes, por lidarem diretamente com vítimas e familiares, estando mais próximos dos mesmos.

Notamos a grande preocupação da equipe de enfermagem em reconhecer e notificar os casos, o que exige aproximação do profissional com a criança, um processo de escuta e

estabelecimento de vínculo para que possa ser identificado o caso de abuso. Porém, a equipe de enfermagem relata que devido ao número reduzido de profissionais e a grande demanda de atividades da instituição, acabam voltando-se mais aos cuidados físicos, quando necessário. Assim, na maioria das vezes, os enfermeiros mantêm a conduta de direcionar a vítima e familiares para falar com membros da equipe multiprofissional, como psicóloga e assistente social. Após concretizar-se a suspeita de violação, relataram contatar o conselho tutelar, perdendo completamente o contato com as vítimas e seus responsáveis posteriormente.

Assim, de certa forma, família e vítima ficam desassistidas, uma vez que a equipe de enfermagem se mostra apenas como instrumento de notificação e cuidados físicos, não considerando que o cuidado de enfermagem compreende também voltar-se a dimensão do sofrimento psíquico, pois tem grande influência no bem-estar da pessoa. Assim, mesmo sabendo dos prejuízos causados pelo abuso sexual na infância e adolescência, não é realizada a função de uma escuta e acolhimento apropriado desses casos pelos profissionais de enfermagem.

Ao final, foram avaliadas as impressões das participantes sobre a oficina, na qual, as mesmas mostraram-se interessadas e cooperativas, tendo dirigido comentários positivos a respeito da iniciativa, além de elogiar bastante a tecnologia utilizada.

CONCLUSÕES

Devido à grande incidência de violência sexual contra crianças e adolescentes, juntamente com as quase que inexistentes notificações, é clara a necessidade de se haver uma avaliação constante, tanto da equipe de enfermagem, quanto do sistema em que estão dispostos tais profissionais.

Durante a oficina ficou explícita a dificuldade da equipe de enfermagem ao delimitar qual seria sua função quando se trata de vítimas de abuso sexual, adquirindo um olhar restrito aos cuidados voltados para dimensões físicas ou burocráticas, com o preenchimento de notificações. A equipe de enfermagem tem atribuições e responsabilidades profissionais próprias, que vão além desses cuidados básicos, uma vez que normalmente são os primeiros profissionais a terem contato com as vítimas e os que permanecem mais próximos das mesmas.

Compreendendo que a violência sexual traz consequências de ordem física e emocional, sendo um problema de cunho político, social e familiar, a equipe de enfermagem deve desempenhar ações voltadas à identificação dos casos, além de promover momentos de educação em saúde, oferecendo acolhimento para vítimas e familiares. É importante ainda negociar soluções com os gestores e proporcionar a menor exposição possível das vítimas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **O que é abuso e exploração sexual?** Disponível em:

<<http://www.carinhodeverdade.org.br/abuso/introducao>>. Acesso em: 14 nov. de 2014.

COGO, K.; MAHL, A.; OLIVEIRA, L.; HOCH, V. **Consequências psicológicas do abuso sexual infantil**. Joaçaba, 2011. Disponível em:

<http://editora.unoesc.edu.br/index.php/achs/article/view/667/pdf_215>. Acesso em: 12 out. de 2016.

CUNHA, J.; ASSIS, S.; PACHECO, S. A enfermagem e a atenção à criança vítima de violência familiar. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 2005. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/reben/v58n4/a16v58n4>>. Acesso em: 16 out. de 2016.

SILVA, L. M. P.; CARVALHO, M. G. F.; SILVA, M. A. I. Atuação da enfermagem frente à violência sexual contra crianças e adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 64, n. 5, 2011.

SOARES, A.B.; SARTOR, C.D.; GARCIA, I.; PRINCESWAL, M.; SEGUNDO, M.; ZAMORA, H.; CALDEIRA, P.; BAPTISTA, R.; SILVA, R.T.; SILVA, T.C.M. **Cuidar sem violência, todo mundo pode!** Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <<http://promundo.org.br/wp-content/uploads/2014/12/Cuidar-sem-violencia-todo-mundo-pode.pdf>>. Acesso em: 12 nov. de 2016.